



## IDENTIDADE E SIMBÓLICO EM *O MILAGRE DE CELULAR*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Fernanda Karyne de Oliveira<sup>1</sup>; Jailma da Costa Ferreira<sup>2</sup>; Ana Lúcia Maria de Souza Neves<sup>3</sup>.

Universidade Estadual da Paraíba<sup>1</sup>

fernandakoliveira@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba<sup>2</sup>

jailma.jdf@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba<sup>3</sup>

analiteraturasouza@yahoo.com.br

**Resumo:** Partindo do pressuposto de que a literatura apresenta um caráter ficcional, simbólico e histórico-cultural, o presente trabalho objetiva analisar, à luz dos estudos culturais, o processo de (re) construção identitária que sofre a personagem feminina, protagonista do conto “Milagre de celular”, pertencente ao livro *O Arqueólogo do futuro* (2006), da escritora Maria Valéria Rezende. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica baseada na análise crítico/interpretativa do conto em questão. O intuito é observar o fenômeno da dependência tecnológica e até que ponto essa dependência contribui para a emancipação identitária da personagem, que, por não possuir um aparelho celular, acaba sentindo-se excluída socialmente, fato que se concretiza no desenrolar da narrativa, que tem seu desfecho com a descoberta, por parte da personagem, do que para ser aceita e amada não basta possuir o bem material. Falar de contemporaneidade implica trazer ao centro da discussão as contribuições teóricas de Bauman (2005), Hall (1999; 2014) e Silva (2014) acerca de identidade, pois em um contexto social de constantes modificações, as identidades se tornaram fluidas e solúveis, sendo assim, pode-se afirmar que a modernidade trouxe consigo ressignificações identitárias, estando estas à disposição dos indivíduos, que fazem das identidades um meio de inserção em determinados contextos. A simbologia é uma constância na narrativa em questão, e para enriquecimento das discussões, far-se-á uso das teorias de Bordieu (1989), que traz a simbologia concomitante às questões de poder, considerando os diferentes universos simbólicos e a construção e significação dos objetos no mundo a partir destas relações simbólicas.

**Palavras-Chave:** Maria Valéria Rezende. Identidade. Simbólico.

## INTRODUÇÃO

“Só posso escrever sobre o que conheço” (Maria Valéria Rezende)

Paulista de Santos, Maria Valéria Rezende reside há vinte anos na cidade de João Pessoa-PB, considera-se então paraibana, haja vista sua identificação com o estado e a cidade. Militante, educadora popular, freira da Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho ganhou o mundo dedicando-se às causas sociais, lutando sempre contra as injustiças e as desigualdades.

Por ser militante e apoiar a esquerda brasileira nos tempos ditatoriais, foi perseguida e obrigada a exilar-se em outros países como Angola, Cuba, Timor e França. Ao voltar para o Brasil



dedica-se a ensinar através do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), sindicalistas, camponeses e presos políticos a ler e escrever. Toda essa experiência de vida é retratada de diversas formas na obra da escritora, ao privilegiar em suas narrativas os excluídos e marginalizados, pois segundo a própria Valéria, ela só pode escrever “aquilo que conhece”.

Em sua obra nos apresenta vivências cotidianas criativamente, desvendando realidades de forma leve e, em muitos casos, de forma bem humorada. Suas histórias transportam o leitor para universos profundamente humanos, em que os fragilizados socialmente são sempre vítimas de posturas autoritárias e preconceituosas. Assim, seus livros apresentam narrativas bem construídas por meio de uma linguagem acessível, proporcionando ao leitor reflexões centradas, principalmente, no modo como enxergar e lidar com o Outro.

Dona de uma vasta obra que passeia por contos, poemas, romances, literatura infantil e juvenil, Valéria é considerada destaque entre os escritores brasileiros contemporâneos e uma das grandes vozes no que diz respeito à literatura de autoria feminina. Recentemente ganhou o prêmio Jabuti pelo romance *Quarenta Dias* (2014), premiação que já tinha vencido duas vezes com os livros *No Risco do Caracol*, em 2009, e o juvenil *Ouro Dentro da Cabeça*, em 2013.

Das quinze obras da escritora paraibana, dez são dedicadas ao público infantil e juvenil. Neste artigo, trataremos o conto “Milagre de celular” que faz parte do livro de conto indicado para o público infanto-juvenil *O Arqueólogo do Futuro* (2006). Neste livro, a autora empreende um novo olhar dirigido às crianças e aos jovens. O livro é composto por 4 contos, em que nas 4 narrativas predominam sempre questões tecnológicas, atentando também para questões relacionadas a globalização (Orelhão em Pequim, Milagre de Celular), sem perder de vista que em alguns contos, há a presença do elemento fantástico (O caso do dígiolho, Arqueólogo do futuro) que figura quase sempre como o sobrenatural. Interessa-nos no conto selecionado analisar a (re)construção identitária sofrida pela personagem feminina, no intuito de observar como as questões simbólicas influem para esta (re)construção. Para tanto, os teóricos escolhidos para subsidiar esta análise foram: Bauman (2001, 2005), Hall (1999; 2014) e Silva (2014), Bordieu (1986) entre outros.

## METODOLOGIA

Este artigo está relacionado à análise e ao estudo da literatura concebida “como um fenômeno histórico e cultural elaborado e apreciado de diferentes formas por diferentes épocas e grupos sociais” (ABREU, 2006). Com base nesta concepção, consideramos importante o estudo sobre as



obras e os autores consagrados, mas também buscamos conhecer e trazer para a visibilidade autores e obras que ainda não receberam a devida atenção. Amparados nestas proposições, elegemos como perspectiva metodológica norteadora para este trabalho a pesquisa qualitativa e de cunho bibliográfico.

O trabalho será orientado pela perspectiva de que assim como no ensino, a pesquisa em literatura pressupõe a atividade cotidiana da leitura. (AMORIM, 2011, p.59). Leitura que “envolve etapas sucessivas e simultâneas ao mesmo tempo, quais sejam, as atitudes de analisar, de interpretar e de compreender.” (AMORIM, 2011, p.68). Portanto, é nossa pretensão estudar a representação da mulher enquanto personagem no texto literário, atentando para como elemento simbólico influi na (re)construção da identidade da personagem feminina.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1- Um novo olhar: *O arqueólogo do Futuro* (2006)

A maior parte da obra da escritora paraibana focaliza os marginalizados e excluídos. Fato que se percebe também em seus romances, como *O Vôo da Guará Vermelha* (2001), que traz à tona um pedreiro apaixonado pela leitura e uma prostituta com alma de menina. No premiado *Quarenta Dias* (2015), Alice se depara com vários tipos de pessoas ao perambular pela periferia gaúcha em busca de Cícero. Ao adentrarmos o *Vasto Mundo* (2001) da escritora, encontramos homens e mulheres simples, que em situações comuns não possuiriam brilho algum, por sinal, até passariam despercebidos. Nas narrativas eles são agentes, corajosos, protagonistas de suas histórias.

Sua obra infanto-juvenil é diversa no que diz respeito aos gêneros cultivados e às temáticas, promovendo quase que uma educação do olhar, marcado pelo respeito a diversidade, a tolerância ao Outro. Assim, Valéria demonstra mais uma vez sua versatilidade. Uma mostra desta versatilidade é o livro *O problema do pato* (2007), que tematiza a morte através de um viés intercultural, por meio de uma linguagem simples, problematizando o tema de forma leve, sensível e crítica, capaz de promover o estímulo à imaginação dos leitores.

No *Arqueólogo do Futuro* (2006), livro de contos da escritora com menor quantidade de textos, mas com a mesma qualidade estética das coletâneas *Vasto Mundo* (2001), *Modo de Apanhar Pássaros à Mão* (2006), *Histórias daqui e d'acolá* (2012). *O Arqueólogo do futuro* apresenta oito narrativas todas relacionadas a questões tecnológicas. Em “Orelhão em Pequim”, tem-se um conto na forma de e-mail, que se centra na história de um amigo que narra todas as suas aventuras do



outro lado do mundo por meio do correio eletrônico digital. Em “O Caso do Digiolho” é possível encontrar a presença do elemento fantástico de forma mais incisiva. Neste conto, os habitantes da cidade, misteriosamente, começam a criar nas pontas de seus dedos indicadores pequenos olhos, estes oniscientes, capazes de enxergar em toda a direção. De início as pessoas estranharam, com o tempo foram se acostumando e até passam a gostar e vislumbrar novas possibilidades para um terceiro olho, só que ao perceberem que ele prejudicava as atividades diárias, começaram a esquecê-lo e com o tempo eles desapareceram. No conto homônimo da obra, tem-se um adolescente extraterrestre que em seu planeta está se formando para ser uma espécie de arqueólogo interplanetário. Ao chegar ao planeta Terra vivencia emoções humanas, que vale ressaltar, nunca havia sentido. No conto “Milagre de celular”, a protagonista feminina sente-se inferiorizada por não possuir um celular, inclusive no que diz respeito a relacionamentos amorosos. No desenrolar das ações, ela percebe que não há necessidade de possuir o aparelho para ser aceita nos grupos sociais, bem como para se relacionar amorosamente com outra pessoa.

Em comparação com as outras coletâneas de contos de Rezende, percebe-se, então, o novo olhar lançado pela autora no livro em questão. O universo proposto pela coletânea de contos mencionada destaca-se pela atualidade no que tange às temáticas escolhidas para cada narrativa, pela linguagem simples sem deixar de ser bem elaborada e a capacidade criativa, para não dizer inventiva, demonstrada por Valéria Rezende ao pensar este livro para o público juvenil.

## 2- Peculiaridades da Literatura Juvenil Rezendeana

Ao empreender um olhar para literatura juvenil ou literatura para jovens, algumas especificidades são perceptíveis. O mercado editorial juvenil, assim como o infantil, é um dos mercados de livros que mais cresce no país. Em artigo referente à pesquisa realizada em 2008, o professor Ceccantini já discute esta realidade:

O segmento referente à literatura juvenil é, em termos quantitativos, o segundo maior do conjunto da produção nacional para crianças e jovens em 2008 – por volta de 19% de todos os títulos publicados no setor. De um ponto de vista qualitativo, entretanto, talvez seja aquele que demonstrou maior vitalidade no período, revelando um empenho em explorar temas em sintonia com questões candentes da sociedade contemporânea – particularmente as mais diretamente ligadas ao universo juvenil – e, ao mesmo tempo, buscar a contrapartida formal para expressá-las. Verifica-se, em diversos títulos, um esforço de pesquisa e experimentação no nível da linguagem e dos elementos estruturais das narrativas e até mesmo no nível da materialidade do livro. (CECCANTINI 2010, p.9).

Cada vez mais se percebe escritores empenhados na escrita para o jovem leitor em formação. Prova disto são os jabutis<sup>1</sup> vencedores dos últimos anos, inclusive livros de Maria Valéria Rezende figuram entre os premiados, estes dedicados ao público juvenil. Segundo Cruvinel (2009) considera-se uma narrativa juvenil aquela destinada ao jovem, sujeito em processo de formação pessoal e ideológica, aspirante à fase adulta, tendo como principal preocupação levar o leitor a refletir sobre sua formação humana. Esta característica pode ser vista no conto em análise (“Milagre de Celular”, 2007), haja vista que a narrativa incita a reflexão a respeito da dependência tecnológica do ser humano, sobretudo do adolescente.

Para a autora, algumas outras características são peculiares da narrativa juvenil como o narrador em terceira pessoa onisciente, o uso do discurso direto, a temática voltada para as relações amorosas e questões contemporâneas. No conto, a personagem feminina é narradora protagonista. Mesmo não possuindo a onisciência, é por meio do seu olhar que a narrativa é contada. Este empoderamento conferido a personagem feminina principal reitera a postura do jovem contemporâneo, sujeito do seu dizer e do seu agir. Sobre o uso do discurso direto, vê-se que este é um recurso que aparece constantemente na narrativa em análise. Com o intuito de dar voz a personagem para que esta expusesse seus anseios, a escritora contemporânea utiliza a voz da jovem para também suscitar as reflexões, haja vista que suas falas permitem ao leitor refletir sobre a situação posta. As próprias escolhas lexicais, a exemplo de gírias e expressões reduzidas, utilizadas por Maria Valéria Rezende deixa transparecer a que público ela deseja se dirigir.

Já em relação à terceira característica supracitada por Cruvinel (2009), percebe-se a atualidade no que diz respeito às temáticas escolhidas para as narrativas. Além da dependência tecnológica, ela também traz a questão da internet e de sua capacidade de aproximar as pessoas, além de utilizar-se da fantasia para escrita dos contos, sem, contudo, deixar de provocar reflexões dos leitores para questões sociais contemporâneas de destaque.

Assim, pode-se dizer que a coletânea de contos em destaque pode ser considerada como uma literatura juvenil, já que apresenta aspectos característicos deste gênero. Desta forma, percebe-se que a obra voltada para o adolescente precisa alcançar o estatuto de arte e, ao mesmo tempo, ser capaz de captar o interesse desse leitor mais jovem, sem empobrecer as estruturas da obra literária, que não pode se submeter exclusivamente ao mercado de vendas, esquecendo o trabalho artístico inerente a toda literatura (CRUVINEL, 2009 p.31), sem deixar de promover conexões entre a vivência do adulto e os horizontes de expectativa do leitor.

---

<sup>1</sup> Maior prêmio da literatura brasileira.



### 3- “Ser” para “ter” ou “ter” para “ser”? : Simbólico e identidade no conto *Milagre de Celular* (2006)

No conto *Milagre de Celular* (2006) temos como narradora personagem uma adolescente que se sente inferiorizada por não possuir um celular, principalmente no que diz respeito ao relacionamento com garotos, que, de acordo com o pensamento da garota, só valorizavam as meninas que possuíam o aparelho: “ai, que humilhação! Era fatal. Sobretudo se o carinha fosse bacana, parecesse mesmo interessado, eu já sabia o que ia acontecer: ele ia tirar o celular do bolso, apertar um botãozinho e perguntar, com ar de certeza absoluta [...]” (REZENDE, 2006, p.9).

A condição de inferioridade do sujeito feminino delinea seu processo de construção identitária, ainda em formação, que para se sentir aceita nos grupos sociais precisa portar um aparelho tecnológico. Para Hall (2014 p.43), estudioso da pós-modernidade, estas situações de desvinculação identitária dar-se pela dinamicidade de espaços e momentos que o sujeito social pós-moderno pode usufruir:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”.

Assim, percebe-se que a construção identitária da personagem é fluída, pois de acordo com os momentos vividos, ela passou por ressignificações (BAUMAN, 2005). Seguindo as ideias do sociólogo polonês Bauman (2005), as identidades são voláteis e estão à disposição dos indivíduos, de acordo com as situações de uso e desejos de seus portadores. Inicialmente, a personagem sentia-se humilhada, menor em relação aos outros por não possuir a telefonia móvel. Percebe-se que a personagem não necessitava do celular, mas sim de ser notada pelas outras pessoas.

Mesmo depois de ter desviado o dinheiro da compra da panela de pressão para a compra do celular, ela percebe que a portabilidade do telefone não lhe oferecia o que necessitava, no caso, visibilidade:

Botava aquilo em cima da carteira, no colégio, bem à vista, pendurava o celular no cós da bermuda enquanto trabalhava no salão, botava em cima do balcão da lanchonete, olhava pra ele de dois em dois minutos pra verificar se estava ligado, ninguém me chamava. Mais de uma semana de agonia, além do meu remorso por



causa da panela e da cara de vítima da mãe (REZENDE, 2006 p.11).

Deixar o celular à mostra é uma alternativa de fazer também com que sua imagem também estivesse à mostra. A personagem feminina trava uma espécie de luta contra um sistema opressor e dominante em que a necessidade de ter se sobrepõe à simplesmente ser. Este combate para a construção de uma identidade “[...] parece um grito de guerra usado numa luta defensiva: um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco (e por isso ameaçado) contra uma totalidade maior e dotada de mais recursos (e por isso ameaçadora)” (BAUMAN, 2005 p. 83).

Na constante busca pela visibilidade social, a adolescente usa de estratégias para ser notada e com isso inventa situações para conseguir o que almejava, a ponto de inventar que estava recebendo uma ligação. Percebeu que havia conseguido, mesmo que momentaneamente, que alguém prestasse atenção nela, na sua conversa: “senti que meu vizinho me olhava com o canto do olho e esticava as orelhas pro meu lado. Não sei o que deu em mim, acho que baixou o espírito de alguma atriz de novela, sei lá! Comecei a falar, com uma voz rouca e ameaçadora, mas bem forte, pro carinha do lado ouvir bem” (REZENDE, 2006 p.13).

Com o desenrolar das ações, ela percebe que não foi notada por possuir um celular, mas sim pelos seus atributos físicos e intelectuais. Percebeu que não necessitava do aparelho para se relacionar, tampouco para ser notada. Entendeu que os objetos não fazem o ser humano, mas que o ser humano constitui-se por si mesmo a partir da relação com o outro:

Fui. Rolou um amor lindo entre eu e esse garoto, o Daniel. Tem só um probleminha: o Daniel morre de ciúme do Murilinho e não tenho coragem de dizer pra ele que o Murilinho não existe. O celular? Esqueci em cima do balcão da lanchonete. Não faz falta nenhuma. Meu gato não tem celular (REZENDE, 2006 p.14).

O movimento reconstrutivo identitário por qual a personagem feminina passou justifica-se pela sua tomada de consciência com relação à dependência tecnológica a que estava submetida. Para Hall (2014 p.51) este movimento dinâmico de (re) construção é consequência do processo de globalização, responsável por garantir a pluralidade, de modo a garantir inúmeras possibilidades e alternativas:

[...] parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais



políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas.

Associando a necessidade da portabilidade do eletrônico à sociedade pós-moderna, Bauman (2001) diz que em uma sociedade consumista, “ter” representa além da liberdade individual, a asseguarção da capacidade de ser diferente, de possuir uma identidade. O sistema capitalista de produção, bem como sua lógica, coage imperceptivelmente os indivíduos fazendo-os escravos dos bens de consumo e não apenas utilizadores desses.

Aproximando estes pensamentos aos pressupostos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, pode-se dizer que a sociedade vive sob a dominação de um sistema simbólico (BORDIEU, 1987) em que as relações de força agem coercitivamente sobre os indivíduos, de forma que estes já tão envolvidos pelo processo, não o reconhecem. Na narrativa, percebe-se a coerção involuntária para que a personagem compre o aparelho celular “[...] cheguei na loja e topei com uma tentação irresistível, promoção: a entrada num celular era exatamente o preço da panela, a prestação era a metade do que eu ganhava por mês, da Dona Isaura ( REZENDE, 2007 p.10).

Mesmo não tendo condições financeiras para comprar o celular, a personagem abre mão de um bem de primeira necessidade para satisfazer o seu desejo pessoal e com isso, também, se reafirmar para as pessoas do seu círculo social. Bauman (2005, p.70) nos diz que o “modo consumista” requer que a satisfação precise ser, deva ser, seja de qualquer forma instantânea, enquanto o valor exclusivo, a “única” utilidade, dos objetos é a sua capacidade de proporcionar satisfação (BAUMAN, 2005, p. 70).

Nesta análise, o celular é tomado como símbolo de coerção e, ao mesmo tempo, impulsionador para uma reviravolta na vida da personagem. A necessidade do celular fez com que a personagem assumisse comportamentos destoantes, como desviar o dinheiro da compra do utensílio doméstico, ou ainda distribuir desmedidamente o número de telefone para diversos grupos de pessoas no intuito de ser integrada a eles. Para Bourdieu (1989, p. 10), “[...] os símbolos são os instrumentos por excelência da “integração social” enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consumo acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral. Para não fugir à regra social de portar bens de consumo, a personagem compra o celular para não ficar fora da moda e conseqüentemente aderir à lógica social.

Usando as teorias do sociólogo francês, dizemos que a personagem foi submetida a uma





violência simbólica (BORDIEU, 1989). Ele a conceitua como “uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e também, frequentemente, daqueles que a exercem na medida em que uns e outros são inconscientes de exercer ou a sofrer” (BORDIEU, 1989, p.16). Sem notar, a personagem compra o celular apenas por imposição social, já que em uma sociedade moderna quem não porta um aparelho desta natureza pode ser considerado antiquado e ou privado de recursos, podendo ser esquecido pelos outros. O teórico lança mão destas conceituações para demonstrar que a sociedade é envolvida por poderes invisíveis que coagem imperceptivelmente as pessoas, no intuito de que reproduzam apenas a lógica do sistema de produção vigente. Assim, é possível perceber que a (re) construção identitária aconteceu preponderantemente devido ao elemento simbólico, haja vista que foi ele o responsável por estimular as ações.

## CONCLUSÃO

A era da modernidade líquida em que vivemos propiciou a fluidez das identidades. Para Bauman (2005 p. 57), passamos “da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo [...]”. Isto é resultado da própria modernidade, que propicia mudanças constantes, rápidas e permanentes. Numa sociedade capitalista, em que a lógica consumista impera sobre as pessoas, tudo é fluido, efêmero, nada é sempre está, por isto a constante necessidade de atualização dos bens de produção, pela constante necessidade de estar na moda.

No que diz respeito à (re) construção identitária da personagem, percebe-se que houve esse movimento presente no desenrolar das ações no conto. Inicialmente, a garota sentia-se inferior, menor; ao comprar o aparelho, a personagem vive a ilusória satisfação de aceitação e inclusão social; depois percebe que o celular não lhe proporcionaria esta inclusão social e o esquece, passando a perceber que não era a tecnologia que lhe ofereceria aquilo que ela procurava. Tal movimento reconstrutivo foi possibilitado por sua relação com o aparelho tecnológico. Para Hall (2014, p.11), a identidade é formada “na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura – dos mundos que ele habitava”. Corroborando com este pensamento e ampliando a questão, Silva (2014 p.96) diz que “a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo, é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada”.



Desta maneira, vê-se que as histórias da escritora fascinam e envolvem o leitor pelo caráter humano, reflexivo, atualizado, integrando a beleza das imagens e a trama subjetiva vivida pelos personagens. A narrativa de Valéria, direcionada para o jovem leitor, mostra questões atuais, próxima dos leitores, provocando a reflexão sobre questões humanas e sociais, perpassando inclusive por reflexões intimamente ligadas a fluidez dos tempos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, José Edilson de. **Leitura, Análise e interpretação**. In: PINHEIRO, Hélder (Org.) Pesquisa em Literatura. 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CECCANTINI, João Luís C. T. **Uma estética da formação: vinte anos de literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)**. Assis: Unesp, 2000. Tese de doutorado.

\_\_\_\_\_. **Vigor e diversidade: a literatura infantil e juvenil no Brasil em 2008**. FNLIJ Notícias. Nº 09. Set. 2010.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. **Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero**. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. 190 f.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

REZENDE, Maria Valéria. **O arqueólogo do futuro**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.